



APRESENTAÇÃO

Naira Pinheiro dos Santos*
Tainah Biela Dias**

2018! Transcorridos quase 18 anos do 21º milênio, desigualdades de gênero persistem, exigindo que as lutas continuem, quer no âmbito secular, quer no contexto de diferentes religiões. Lutas, no plural, porque são muitas as frentes, grupos e atores que aí se engajam, embora com muitos objetivos em comum. Os artigos deste número da Mandrágora dão evidência da necessidade de avançar ao apontar as assimetrias e lacunas. A começar por aquelas presentes nos próprios Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião no Brasil, a um dos quais está vinculada esta revista, e mesmo nas pesquisas em perspectiva feminista e de gênero produzidas no contexto desses programas, conforme pode-se verificar na detalhada investigação de Clóvis Ecco, Thaís Alves Marinho e Claudete Ribeiro de Araújo, no artigo intitulado “Religião e gênero: uma investigação do estado da arte dos estudos de gênero nos programas de pós-graduação em ciências da religião no Brasil”. Efetuando o mapeamento das dissertações e teses que têm trabalhado questões relativas às desigualdades de gênero (estado da arte), os/as autores/as analisam como as Ciências da Religião no Brasil têm absorvido as principais discussões acerca da categoria nos últimos 17 anos. Na sua análise contemplam também o levantamento dos números de homens e mulheres que compõem o quadro de docentes, discentes e funcionários dos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

Tanto nesse artigo quanto nos demais, os/as articulistas não se limitam a desconstruir ideias e práticas que promovem e reafirmam as desigualdades, mas também apontam os rumos que as lutas tomam e /ou

* Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/ NETMAL.

** Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Membro do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL.



tomaram e oferecem pistas para o seu desenvolvimento. Carolina Teles Lemos, no artigo “Maria: ícone para o qual converge e do qual emerge um feixe de significados de diferentes aspectos da cultura”, analisa os significados conferidos à Maria, construídos pela tradição judaico-cristã, pelas devoções populares e pela teologia feminista, problematizando-os tendo em vista o *ethos* que expressam. A autora aponta a necessidade de estabelecer um *ethos* capaz de romper representações tradicionais de gênero, pelo que propõe enfatizar novos aspectos da visão de mundo sobre Maria, para além daquelas que a relacionam a atributos e comportamentos tidos como típicos da maternidade.

Não somente a imagem de Maria é objeto de discussão, mas a do próprio Deus, fruto de transformações político-religiosas no contexto israelita anterior ao nascimento de Jesus. Em seu artigo “Asherah: a ausência erótica de Deus”, Angélica Tostes Thomaz explicita as formas pelas quais processos sociais, políticos, culturais e religiosos consolidaram o monoteísmo patriarcal em Israel, a partir da suplantação de outras divindades. A análise se centra em uma destas divindades, Asherah, que representaria a imagem da Grande-Mãe, que fora paulatinamente encoberta pela figura de um Deus masculino, assexuado e legitimador de uma cultura patriarcal.

As discussões sobre religião e cultura patriarcal se seguem em artigos que tratam da violência doméstica no Brasil e suas intersecções. Em “Desemprego e violência contra a mulher: correlação, distanciamentos e como os fatores religiosos atuam como elemento modificador dos dados”, Anna Gabriela de Arruda Felix Cerqueira Leite, Nirvana de Oliveira Moraes Galvão de França e Rebecca Ferreira Lobo Andrade Maciel, com base em dados da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, apontam que o fator religioso interfere na vida de mulheres vítimas de violência, pois contribui com a demora da agredida em realizar a denúncia. Atrelado a isso, as autoras ressaltam a falta de independência financeira, decorrida do desemprego, na corroboração da carência dessas mulheres em prosseguir com a denúncia contra seu parceiro que, em muitos casos, é também o provedor do lar.

Cláudia Danielle de Andrade Ritz, por sua vez, utiliza-se de entrevistas com sete mulheres pentecostais que já foram vítimas de violência



doméstica. No seu artigo intitulado “A casa das sete mulheres”, a autora destaca relações de gênero, relações de poder e discurso religioso como aspectos fundamentais para compreender o fenômeno da violência doméstica. Observa que o perfil do grupo estudado é formado predominantemente por mulheres pobres e com pouca formação escolar e financeiramente dependentes com cônjuge/agressor. As entrevistadas também deixaram transparecer a importância do fator religioso, na medida em que apostam na “libertação dos maridos” para que a violência doméstica deixe de ser uma realidade em suas vidas. Aponta, também, a necessidade de refletir sobre o discurso religioso pentecostal com o intuito de problematizar aspectos que possam corroborar com a persistência da violência doméstica.

Na sequência dos artigos, saímos do universo do cristianismo para o das religiões de matriz africana. Baseada em entrevistas realizadas com sacerdotes e sacerdotisas das religiões de matriz africana, o artigo de Nilza Menezes, sob o título “Comprando feitiços: as diferentes formas de experimentar a espiritualidade entre homens e mulheres nas religiões afro brasileiras”, procurou apreender quais seriam as diferenças entre homens e mulheres no que se refere às motivações e às maneiras de se relacionarem com os recursos mágicos propiciados por essas religiões, particularmente o jogo de búzios. A autora problematiza também aí a relação utilitária que a clientela estabelece com a religião e o papel que os sacerdotes e as sacerdotisas jogam nesse processo.

Por fim, no artigo intitulado “A Igreja Episcopal Anglicana e a questão da homossexualidade”, Silvia Geruza Fernandes Rodrigues baseia-se nos documentos das quatro mais recentes conferências de Lambeth (1978 a 2008), realizadas pela Igreja Episcopal Anglicana, no que se refere às homossexualidades e seus desdobramentos, para analisar tensões e conflitos, recuos e avanços existentes nesse debate. Um debate que a autora avalia ser tão necessário enfrentar quanto o foram, e de fato ainda são, os temas da escravidão, da inclusão das mulheres, da justiça social e dos direitos humanos.

O presente número da Revista Mandrágora conta, ainda, com duas resenhas. A primeira delas é sobre o “Compêndio de Ciência da Religião”, organizado por João Décio Passos e Frank Usarski. A resenha,



escrita por Alden Antônio de Araújo, esmiuça os tópicos trabalhados ao longo desta obra de suma importância para as Ciências da Religião no Brasil, tais como, epistemologias das ciências da religião, ciências sociais e religião, ciências psicológicas e religião, ciências das linguagens religiosas e ciência da religião aplicada. Aponta, contudo, a lacuna deixada pelo Compêndio, na medida em que não dá devida atenção às questões de gênero e suas conexões com o fenômeno religioso.

Fernanda Marina Feitosa Coelho se debruça sobre o livro “Religião e Política: medos sociais, extremismo religioso e as eleições 2014” de Cristina Vital da Cunha, Paulo Victor Leite Lopes e Janayna Lui. A resenha conta com a análise detalhada dos capítulos que compõem o livro, que aponta a importância de compreender o lugar dos evangélicos enquanto atores políticos no cenário brasileiro contemporâneo, visto que estes atores político-religiosos utilizam-se dos meios representativos característicos da democracia com o intuito de negar a representatividade e direitos de cidadania para minorias sexuais e de gênero, invocando argumentos religiosos que apelam para seu papel de guardiões da “moralidade”, da “família brasileira” e representantes da “maioria cristã”.

Desejamos a todos uma boa leitura!